

nº ZERO

JORNAL LABORATÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ - número 14 - 2008/2



PONTO

Sem ponto legal

Táxis piratas circulam pela cidade e população paga mais

● Guilherme Oliveira

Quem vê não repara. Mas dez por cento dos táxis do Rio de Janeiro podem ser piratas. Um número assustador, já que circulam pelas ruas e avenidas da cidade mais conhecida do Brasil cerca de 36 mil carros com a tradicional cor amarela e faixa azul.

Um taxista pirata é aquele que não passa pelos processos legais para colocar um carro em atividade. Geralmente trabalha entre 18 horas e 06 da manhã para evitar a fiscalização e consegue de maneira fácil os equipamentos, placa e as vezes até os selos que obrigatoriamente devem estar colados no vidro dianteiro do veículo.

Para o cliente fica praticamente impossível saber se ele está entrando num carro ilegal. Sem ponto fixo, esses "taxistas" têm como locais principais de atuação as imediações da rodoviária Novo Rio, aeroportos, Lapa, mercadão de Madureira e lugares onde se concentram jovens.

Turistas, noite agitada e uma população que supera os seis milhões de habitantes são fatores determinantes para essa prática. O dinheiro no final do mês compensa os riscos da irregularidade, fica em torno de 3,5 a 4 mil reais.

Como a cidade é uma das que mais têm esse tipo de veículo no mundo, uma média de um carro para cada 190 pessoas, ter a concessão da prefeitura é quase impossível. O Rio de Janeiro está saturado. A forma encontrada seria comprar a autonomia de uma outra pessoa que possui o direito. O valor está entre 60 e 80 mil reais. A outra maneira é ser auxiliar e ser empregado do dono do veículo. Mas muitos motoristas seguem outro rumo, e a facilidade impressiona.

Rua de contradições

A rua Padre Manuel da Nóbrega, em Piedade, Zona Norte da cidade, concentra várias lojas para taxistas. Lá, compra-se taxímetros, equipamento que calcula o valor de uma corrida, como bala em padaria.

Apresentei-me com interesse em trabalhar no ramo e ainda disse que não seguiria pelos modos legais. Alguns vendedores até me alertaram para o perigo de rodar dessa forma, mas não viram problemas em vender quantos taxímetros eu precisasse, só não emitiriam nota fiscal.

Sem nenhuma autorização é possível montar um táxi pirata e circular no mesmo dia. Com 340 reais é possível comprar um taxímetro e a placa luminosa que fica no teto do carro, chamada de bigurrilho. Pintar o carro também não é problema e dessa forma já se consegue enganar o cliente. "Se eu entrar num táxi amarelo e com o relógio, pra mim ele é legalizado", disse Diego do Carmo, morador de Copacabana.

Se comprar é fácil, instalar não é diferente. Os próprios vendedores fazem o serviço. "O que o senhor vai fazer com isso não é do nosso interesse", disse uma vendedora. Numa outra loja, interessei-me por dois taxímetros,

um para trabalhar em Juiz de Fora (MG) e outro no Rio de Janeiro. Como os preços iniciais de uma corrida variam em cada cidade, a própria loja programaria o relógio de acordo com o local. "No Rio você até consegue circular, é uma cidade muito grande, mas tem que saber por onde anda porque se não eles (fiscais) te pegam. Em cidades menores é mais complicado fazer esse tipo de serviço, pois todo mundo se conhece", alertou o vendedor.

Curiosamente, é nessa mesma rua que funciona o Instituto de Pesos e Medidas, o IPEM. Nesse local os taxistas chegam com o relógio já instalado no carro para fazerem o teste de pista. O objetivo do órgão é verificar se os valores exibidos no taxímetro estão de acordo com as normas. "Existem taxímetros para certos modelos de carros. Se você não regular da maneira correta, uma simples corrida pode sair muito cara para o cliente", revelava o vendedor.

O diretor técnico do IPEM, César Generine, disse que o papel do instituto é o de realizar os testes, e não o de fiscalizar. Sobre a situação que acontece praticamente na porta do órgão ele comentou. "Isso já é caso de polícia. Não se pode comprar dessa forma. A norma é ter que lançar os dados do veículo na nota fiscal, e para instalar tem que ter o ofício da Secretaria Municipal de Transportes".

A SMTR, vinculada à prefeitura, é a responsável pela fiscalização desse tipo de transporte na cidade. Em 2008, até o dia 10 de dezembro, cem carros foram apreendidos.

Para o diretor do Sindicato dos Taxistas (RJ), Alberto Nonato de Almeida, a prática desse crime muitas vezes encontra facilidades. "A gente vê os fatos acontecendo toda hora. Às vezes os próprios colegas de profissão os deixam parar no ponto", lamentou.

Mas para o crime perfeito, um taxista ilegal precisa de mais. A etapa de enganar o cliente já foi feita, agora é tentar passar pela fiscalização. Um ex-taxista, que preferiu não se identificar, revelou: "Muitas vezes os selos do IPEM e da Prefeitura são roubados. Mas existem outras maneiras, gente do ramo que vende o kit (equipamento e os selos) por 250 reais, com tudo o que é preciso. Quem está nesse meio sabe muito bem onde encontrar", afirmou.

O coordenador regional da SPMR da Ilha do Governador, Henrique Binoto, comentou que muitos piratas são perigosos e que a lei é frágil. "Quando eles vêem uma blitz, muitas vezes eles jogam o carro praticamente em cima da gente. Quando a gente pega, levamos os carros para o depósito e os descaracterizamos, mas depois os proprietários podem pagar o guincho e retirá-los novamente".

As brechas na lei facilitam. O crime é considerado de baixa periculosidade, apesar de ser contra a economia popular e de falsidade ideológica. Dessa forma, se o pirata achar vantajoso, ele coloca o carro novamente na praça e circula pelos diversos locais da cidade sem um ponto final nessa história...

EDITORIAL

Poucas palavras na língua portuguesa tem tanta utilidade como a palavra ponto. Aliás, tudo na vida tem um começo, um ponto de partida. E foi dessa forma que os alunos da disciplina "Jornal Laboratório" da Universidade Federal do Rio de Janeiro decidiram dar esse sugestivo nome para o jornal. PONTO.

Trata-se de um dos signos mais ricos da nossa comunicação. Ganha vida na religião, na sexualidade, no trabalho, nos relacionamentos interpessoais. O ponto se torna locais de encontro, de prostituição, de drogas, de um simples bate papo...

O ponto dá sentido à nossa língua, ajuda a cicatrizar feridas, invoca espíritos e até mesmo vira dieta. Quem nunca se aborreceu em um ponto de ônibus ou não sofreu quando o parceiro ou parceira colocou um ponto final na relação. Nessa edição você vai passear por diversos pontos... até mesmo pelos dos taxistas piratas que circulam pelas ruas do Rio de Janeiro.

Está dada a largada, o jornal é temático e você pode começar pelo ponto que quiser. Boa leitura...

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Aloisio Teixeira



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Direção

Ivana Bentes

Coordenação do Curso de Jornalismo

Ana Paula Goulart

Núcleo de Imprensa

Elizabete Cerqueira coordenação executiva

Cecília Castro programação visual

n°ZERO

número 14 - 2008/2

Informativo produzido pelos alunos da Escola de Comunicação da UFRJ

Orientação acadêmica e de texto

Maurício Schleder

Paulo Roberto Pires

Coordenação editorial

André Motta Lima

Coordenação gráfica e design

Cecília Castro

Assessoria de Imprensa

Elizabete Cerqueira

Apoio

Divisão Gráfica da UFRJ

Este número foi produzido com matérias elaboradas pelos alunos da disciplina Jornal Laboratório. As fotografias e ilustrações são de responsabilidade exclusiva dos alunos.

Término em 19/1/2009

TIRAGEM: 1.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O sentido nos pontos

É possível fazer bom uso dos sinais de pontuação sem precisar decorar a gramática inteira?

● Clarissa Lima

Fazer a correta pontuação de textos não é tarefa fácil. E quem pensa que jornalista é craque em gramática e que sabe pontuar melhor do que ninguém está se iludindo. É verdade que nós gostamos de escrever e reconhecemos a importância da clareza e correção textual para exercer bem nosso papel. Contudo, nós também somos mortais e cometemos erros.

Certos deslizes podem causar incômodos no trabalho e virar motivo de piada diante do público. Duvida? Analise então a seguinte frase: “Brasileiro morto nos EUA tentou fugir para não ser preso, diz namorada”. Este era o título de uma matéria publicada no site de notícias de um dos maiores conglomerados de comunicação brasileiros. O erro – é claro – se espalhou por diversos sites na web.

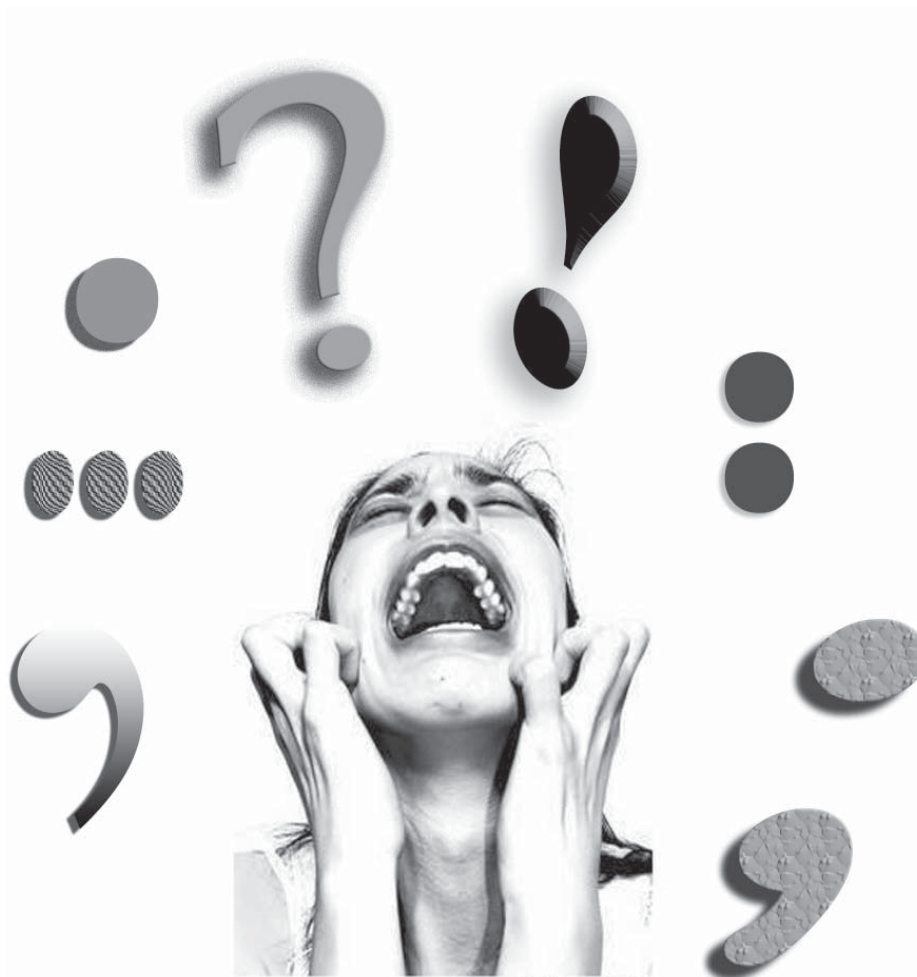
O blog “Pimenta com Dendê”, que une informação e humor, não perdoou. Eles deram destaque a este texto e, ao lado, ilustraram com uma cena do clipe “Thriller”, de Michael Jackson, comentando a respeito da “conspiração de zumbis” que tentavam sair dos EUA.

A falha consiste na ausência de um mero símbolo de pontuação indispensável: a vírgula. Se estivesse escrito “Brasileiro, morto nos EUA, tentou fugir para não ser preso, diz namorada”, a ambigüidade seria reduzida, pois a aplicação do sinal de pontuação não liga diretamente o termo “brasileiro” ao qualificativo “morto”. A inversão das orações eliminaria de vez a ambigüidade: “Brasileiro tentou fugir para não ser preso e foi morto nos EUA, diz namorada”.

Vergonhas frequentes

Este é só um caso exemplar, mas não é o único. Frequentemente vemos textos mal pontuados no meio jornalístico, em especial no jornalismo on line, no qual a pressão pela imediatividade é ainda maior.

Mariana Vilhena é estagiária de comunicação e é responsável pela intranet da empresa em que trabalha Segundo a estagiária, quando há muitos comunicados a ser feitos, conseqüentemente acontece uma queda da qualidade em relação à quantidade. A pontuação é um destes indicadores: “Além de alguns escorregões como falta de algumas letras nas palavras, a falta de tempo para me dedicar faz também com que eu pontue sem cuidado. Algumas pessoas já vieram me dizer que não entenderam bem uma mensagem, e eu percebi que faltava uma vírgula aqui ou que o ponto final ficaria melhor lá”, assume ela.



.....
“Há critérios sintáticos e semânticos que regem a distribuição dos sinais de pontuação e não o critério subjetivo da respiração.”

Vânia Rizzo, professora de português

Pontos: para que quero?

Há uma gama de elementos gráficos que usamos todos os dias, muitas vezes de forma mecânica e desatenta. Isso nos faz incorrer em muitos deslizes gramaticais que podem gerar ambigüidades e confusões, prejudicando a compreensão do texto. Veja algumas dicas para você fugir das armadilhas da pontuação:

1. A vírgula é usada principalmente para separar:
 - elementos que exerçam a mesma função sintática;
 - elementos que exerçam funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-las (ma maior parte dos casos, estas expressões são apostos ou vocativos);
 - orações coordenadas (exceto as introduzidas pela conjunção e);
 - orações intercaladas.
2. Já o ponto e vírgula separa:
 - orações da mesma natureza que tenham maior extensão (em um mesmo período);
 - diversos itens de enunciados enumerativos (leis e decretos, por exemplo).
3. O ponto final, por sua vez, marca exclusivamente a conclusão de uma idéia.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1972, FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar

Depois que chamaram sua atenção, Mariana redobrou os cuidados. Ela tem sempre em sua mesa um dicionário e uma gramática que a ajudam quando “dá um branco”.

Critérios de pontuação

Um dos principais problemas na hora de pontuar uma mensagem é a ideia que as pessoas fazem deste exercício. No princípio da formação escolar, muitos aprenderam que os sinais de pontuação devem ser dispostos da seguinte maneira: enquanto lemos o texto em voz alta, marcamos o tempo da respiração curta com uma vírgula e da respiração longa com um ponto e pronto! Escrevemos uma mensagem indecifrável.

Vânia Rizzo é pós-graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e ministra cursos de comunicação e redação empresarial para diversos tipos de profissionais. Ela afirma que se esforça muito para desfazer esse mito entre seus alunos: “As pessoas vêm com essa cultura da respiração arraigada. É preciso fazer com que elas compreendam que há critérios sintáticos e semânticos que regem a distribuição dos sinais da pontuação ao invés do critério subjetivo da respiração entre as palavras”.

A professora explica que os sinais de pontuação surgiram como exigência da estrutura frasal e impuseram-se na língua. Sem eles, a compreensão do texto escrito ficaria comprometida devido às ambigüidades geradas pela ausência da pontuação. Por isso, é importante saber utilizá-los: “Deve-se verificar se as relações entre as partes integrantes da frase estão claras e se a composição adotada contribui para a coesão e coerência da mensagem”.

Novidades da língua

Se escrever já era difícil, vai ficar pior ainda! A reforma ortográfica da Língua Portuguesa já foi aprovada e uma série de mudanças aguarda a chegada de 2009 para entrar em vigor.

Apesar do uso dos sinais de pontuação não sofrer muitas mudanças, vai acontecer uma alteração polêmica dentro desse campo: a abolição do trema. Esta medida está dividindo os professores de Português porque, enquanto alguns se prendem à necessidade do sinal para ver melhor, eles evitam as vergonhas que muitos de nossos colegas jornalistas passam por causa da má organização de sinais aparentemente supérfluos – mas que fazem toda a diferença.

Fome calculada

Na dieta dos pontos, tudo o que se come vira uma equação complexa e difícil de resolver

Esther Medina

Batata frita = 110 pontos
Hamburguer = 140 pontos
Refrigerante = 50 pontos
Bola de sorvete = 36 pontos

Total = 337 pontos
Limite diário = 500 pontos

Balanco final da refeição = 337 pontos consumidos durante o almoço. Sendo assim, as demais refeições não devem ultrapassar 163 pontos.

Esse é o procedimento cotidiano de quem pratica a dieta dos pontos.

Nesse tipo de dieta, o que se leva em conta é a quantidade de pontos a ser consumida diariamente, e não de calorias. O processo funciona da seguinte maneira: a pessoa recebe uma cota diária de pontos, que é estabelecida levando em conta fatores individuais como altura, sexo, idade, hábitos alimentares e atividades físicas praticadas pelo indivíduo. Cada ponto corresponde, em média, a 3,6 calorias. Os pontos de cada alimento dependem do tamanho da porção, do número de calorias e da quantidade de gordura e fibras presentes na análise. O número de pontos será sempre maior em alimentos gordurosos, e menor em alimentos ricos em fibras.

Essa dieta subdivide os alimentos em categorias de pães e massas, carnes, leite e derivados, frutas e hortaliças, e por fim, açúcares e óleos.

A grande vantagem alardeada por esse tipo de dieta é a flexibilidade na escolha dos cardápios. Assim, a pessoa pode comer de tudo desde que não ultrapasse o limite de pontos determinado.

A idéia de uma dieta permissiva surgiu há quarenta anos nos Estados Unidos, através de uma organização denominada Vigilantes do Peso. O grupo foi pioneiro no propósito de converter a contagem de calorias em pontos, e oferecer reuniões de orientação aos participantes.

Atualmente, existem inúmeras dietas que se baseiam no método dos pontos, entre elas a Balança dos Pontos e a Dieta Nota Dez.

A estudante Rose Machado conta que seguiu a dieta por cinco meses, e decidiu abandoná-la por considerar o método burocrático demais:

“Eu nunca conseguia lembrar a quantidade de pontos que já havia consumido

durante o dia. Calculava-os sempre por aproximação. Cheguei à conclusão de que é mais fácil acompanhar uma dieta que especifique o que eu devo ou não comer, sem ficar me preocupando com contas. É impossível pra mim conciliar duas coisas que eu sempre detestei: dieta e matemática.”

Já a dona de casa Solange Cavalcante, de 60 anos, aderiu à dieta dos pontos há três meses devido a problemas de saúde, e nesse período perdeu 18 quilos, pesando agora 50:

“Sofria de uma doença chamada osteomielite (infecção aguda dos ossos) e por conta disso tive que implantar uma prótese de platina no fêmur. Além de a doença ter enfraquecido meus ossos, eu estava acima do peso. O médico então alertou que se eu não emagrecesse, provavelmente voltaria à mesa de operação. Foi quando uma amiga me emprestou uma apostila dos Vigilantes do Peso, a qual continha a tabela com os valores em pontos dos alimentos e dicas de alimentação equilibrada.”

A dieta dos pontos, no entanto, exige que seus praticantes tenham habilidades matemáticas e de memorização. Para comer uma pizza, por exemplo, calcula-se o valor do queijo, da massa, do tempero e dos condimentos. Se a pessoa não souber esses valores de cor, é preciso ter uma cópia da tabela sempre à mão.

Ainda assim, Solange defende a praticidade da dieta afirmando que mesmo em caso de alimentos que possuam ingredientes combinados, tipo bolos e tortas, a pessoa consegue pegar a manha dos cálculos rapidamente, devido ao fato de os números envolvidos serem pequenos.

A pediatra Simone Silva, que também emagreceu utilizando o método, ressalta que o cardápio variado facilita a vida de quem passa o dia todo fora e se alimenta na rua.

Apesar de propor uma alimentação equilibrada, a dieta dos pontos só é saudável quando há uma seleção correta dos alimentos. De acordo com a nutricionista Mariana Quintaes, a falha reside no fato de que as pessoas acabam escolhendo alimentos de baixo valor nutritivo, e normalmente fazem a dieta sem nenhum acompanhamento médico:

“A dificuldade nesse tipo de dieta é justamente manter uma alimentação equilibrada. É óbvio que qualquer um vai preferir gastar seus pontos comendo uma lasanha a um prato de legumes. E se a pessoa extrapola o limite de pontos, vai compensar comendo

menos no dia seguinte. Isso é prejudicial para o organismo porque gera um déficit nutricional. O corpo precisa de comida em períodos regulares e que contenha todos os tipos de componentes alimentares: carboidratos, proteínas, lipídios e sais minerais. Por isso, não recomendo a dieta aos meus pacientes. Para perder peso é necessário conhecer os alimentos e praticar exercícios físicos. Tudo isso aliado a uma reeducação alimentar.”

A verdade é que não existe fórmula mágica para emagrecer. As dietas que prometem milagres só chegam a um resultado: a pessoa engorda tudo o que perdeu. Isso porque as células de gordura são formadas durante a infância, e quando incham, se dividem, aumentando os depósitos gordurosos.

A má notícia é que essas células, além de nunca morrerem, são oportunistas. Elas simplesmente permanecem no corpo esperando a primeira oportunidade de incharem e se multiplicarem novamente. Daí a dificuldade de manter o peso estável, após ter emagrecido.

Por isso, é melhor pensar duas vezes antes de devorar aquele pacote de biscoito recheado, que além de duplicar a quantidade de suas células de gordura provavelmente entupirá suas artérias.



O programa da dieta dos pontos ressalta a necessidade de disciplina por parte de quem a pratica, e isso é muito difícil de ser observado em pessoas que tentam emagrecer por conta própria. O que se observa, é que a maioria das pessoas que buscam o regime, o faz sem nenhum tipo de assistência profissional, tornando a dieta dos pontos mais um método experimental.

No entanto, no inflexível universo dos regimes, a dieta dos pontos é um método consolador para quem não aguenta viver à base de rúcula e queijo cottage. Além disso, ainda que contar pontos não ajude a emagrecer, ao menos vai servir para dessenferrujar aquela velha matemática que estava fora de uso desde o fim do colégio.

Como calcular o Índice de Massa Corporal

O Índice de Massa Corporal (IMC) é um índice utilizado por médicos e profissionais de saúde para precisar a situação do peso em que se encontra a pessoa, isto é, descobrir se ela está abaixo ou acima do peso ideal considerado saudável. O Índice é calculado dividindo o peso (em kg) pela altura (em m) ao quadrado.

Exemplo: Se uma pessoa mede 1,70 m e pesa 60 kg, o cálculo do IMC seria feito da seguinte maneira:

$$60 \text{ kg} : 1,70^2 = 2,89$$

$$60 \text{ kg} : 2,89 = 20,76$$

$$\text{IMC} = 20,76$$

Resultado: Resultado de até 18,5 = Abaixo do peso ideal
Resultado entre 18,5 e 24,9 = Peso normal
Resultado entre 25 e 29,9 = Acima do peso ideal
Resultado acima de 30 = obesidade

O prazer pontual

Garotos de programa mantêm ponto de prostituição por décadas no coração de Copacabana

● Diego Cotta

Era uma noite de sexta-feira. Exatamente na esquina da Praça Serzedelo Correia com a Rua Hilário de Gouveia, em frente ao bar “Corujinha”. Ali se encontrava um grupo de rapazes, com idade variando entre 19 e 30 anos. No início da noite, ou melhor, da madrugada, por volta das 23h já era percebido um enfileiramento de meninos nas grades da praça, que faziam uma discreta algazarra. A fase da adolescência, marcada por questionamentos e frustrações, dava lugar a uma conduta, talvez nem tanto adulta, mas com certeza com mais responsabilidades, principalmente de si próprios.

Eles fumavam cigarros de Bali e conversavam, entusiasticamente, sobre qualquer coisa. A maioria exibía músculos muito bem torneados e devidamente tatuados. Ou por nomes femininos, que deveriam pertencer às mães ou às namoradas; ou por tribais ou qualquer outro símbolo na cor preta que afirmasse ainda mais o vigor de suas virilidades. Vestiam roupas de grife e entravam frequentemente no bar para reparar-se no espelho, a fim de consertar algum fio de cabelo que por ventura se soltara do penteado padrão.

No bar, clientes melancólicos (a maioria aparentando mais de 45 anos) dividiam, de forma espaçada, aquele ambiente típico de mais um boteco da zona sul do Rio. Era nítida a escolha pelos cantos das paredes e o consumo de apenas uma cerveja, que demorava décadas para se findar. Dali, os homens-de-gravata-frouxa, devido ao adiantado da hora e ao sentimento de término de mais um dia de trabalho, contemplavam languidamente os meninos, que, aparentemente, não lhes davam muita atenção.



Garotos de programa à espera de um cliente

O ritual da negociação

Quanto mais o tempo transcorria, maior se tornava a frequência (e a ênfase) dos encontros dos olhares entre clientes – neste momento apenas do bar – e os meninos. Os cochichos entre os rapazes se avolumavam de maneira tal, que já era perceptível que o assunto principal dizia respeito ao programa que haveria de ser feito dali a instantes. Até que um homem calvo e com uma barriga protuberante assovia e faz um movimento com as sobrancelhas convidando um deles a se sentar à mesa para um chopp.

Naquele momento, aquela esquina de Copacabana emergia como um ponto de prostituição masculina com toda a sua clareza. Esse primeiro menino, ou melhor, seu cliente fora de forma iniciou um efeito dominó de mais uma noite de lucros baseado no sexo pago para os rapazes, que mais tarde revelaram ser seu ganha-pão. Depois dele, todos os meninos se arranjaram, ou pelo menos, começaram as negociações.

Marcus (nome fictício), 27 anos, há quatro é michê. Contrariando o pressuposto de que a maioria dos garotos de programa mora na Baixada Fluminense e possui baixo nível de escolaridade, Marcus apresentou-se como um atípico profissional da área. Exalando a fragância do perfume importado 212, de Carolina Herrera, Marcus se mostrou bastante comunicativo, extrovertido e disposto a revelar um pouco do submundo dos michês do Rio de Janeiro. Uma extroversão que apontava para o exagero.

Vida de michê

Marcus acabara de retornar de uma viagem ao exterior, onde visitou, por conta da profissão, a capital da Espanha, Madrid.

Ele explicou que os programas feitos no exterior são mais valorizados do que no Brasil. O valor tabelado do sexo estrangeiro pode sofrer alteração quando o cliente percebe que o michê é de nacionalidade brasileira, devido ao fetiche bastante difundido internacionalmente da sexualidade aflorada e “sexo-bom-garantido” das mulheres brasileiras, valor que de alguma forma também é transferido aos homens.

Com o montante arrecadado, Marcus comprou um apartamento, que divide com um amigo (também michê), em Copacabana. Além disso, segundo ele, possui um carro e uma namorada que reside em Nova Iorque (EUA). Neste momento, o rapaz exibe sua aliança, que faz questão de enfatizar ser de ouro verdadeiro, selando o compromisso com a menina – que “nem sonha” com a profissão de seu namorado. Questionado sobre sua orientação sexual, Marcus agiu como a maioria dos homens age quando é posta em dúvida a masculinidade.

“Tá me estranhando, parceiro? Sou homem! Eu transo com outros caras, mas é tudo de forma profissional. Sempre sou ativo nas minhas relações sexuais por dinheiro. Muitos meninos, até mesmo daqui da Serzedelo, fazem as duas coisas: dá e come. Mas aí é mais caro, né? Em média, para que um garoto de programa seja ativo e passivo com um mesmo cliente, ele cobra R\$ 600. Tem que ser mais caro, porque aí mexe com a honra do cara, né?”, afirmou Marcus, mais à vontade fora da esquina, já no quiosque da empresa de fast-food “Habbib’s” na Av. Atlântica.

Tabela de preços

De fato. Os preços do programa variam de acordo com a posição (ou posições) que o michê desempenhará, o tipo de sexo (oral, anal, ménage à trois, etc.), local do programa (carro, motel, casa do cliente, etc.) e outros tipos de serviços. Marcus relata, divertidamente, que sua profissão é bastante “diversificada”. Nem sempre um michê quando é contratado desempenha um papel relacionado com o sexo, apenas.

“Nessa vida tem de tudo. Muitos velhos chegam ali no bar, nos convidam para conversar, negociam preço do programa e quando chegamos às suas residências eles começam a chorar. Eles nos contratam como se fossemos psicólogos. Já ganhei muito dinheiro fácil assim. Eles reclamam da vida, do emprego, dos filhos que já não vêem mais, de traição da esposa... Por uma parte isso é legal porque não tenho que suar a camisa para ganhar o meu!”, disse Marcus, soltando uma gargalhada ao final.

O garoto de programa revelou que a faixa de preços dos meninos da Praça Serzedelo Correia é de R\$ 200 a R\$ 250, a hora. Como Marcus dissera que não faz programa todos os dias, “porque também é filho de Deus e gosta de ter vários dias livres”, sua renda é um pouco aquém daqueles que se prostituem diariamente. Para ele, esses meninos não têm qualidade de vida e já transformaram sua profissão em vício.

“Eu me prostituo porque gosto de viver bem e sustentar meus caprichos e desejos. Não me vendo pra comer. Simplesmente gosto de viver tranquilamente, sem me preocupar com contas e pouco salário. Com o dinheiro da prostituição, dá pra eu ter uma renda mensal de R\$ 4 mil por mês, trabalhando apenas 4 dias na semana. (...) Mas um dia eu penso em sair dessa vida. Estou juntando parte desse dinheiro para abrir uma vidraçaria e uma pizzaria com meu tio”, idealizou Marcus.

Violência e michês

Questionado sobre os mais variados crimes propagados pela mídia e pelos manuais das agências de turismo gay friendly, como por exemplo o “Boa Noite Cinderela”, Marcus foi em defesa de seus colegas de trabalho. Segundo o michê, muitas vezes os próprios garotos de programa são passados para trás por clientes no momento do afã do gozo sexual e se tornam vítimas de um crime que no imaginário coletivo são eles que cometem.

Diferentemente da cidade de São Paulo, a Polícia Militar parece ter uma relação mais amistosa com os garotos de programa. Na capital paulista, mas especificamente no parque Trianon, michês são diariamente violentados por PMs que fazem a ronda na madrugada da cidade. O ódio é acentuado pela questão da homossexualidade, que é estopim para que os meninos sejam levados para regiões afastadas do Centro e violentados fisicamente, com intuito primeiro de humilhar os garotos e, a posteriori, de impossibilitar o trabalho. Qual cliente sentiria tesão por um homem cheio de hematomas e com a estética debilitada?

“Aqui no Rio, pelo menos na Praça Serzedelo Correia, não acontece isso não. Muito pelo contrário [risos]. Quando os policiais militares passam e olham pra gente já dão logo o sinal de que estão a fim de um programa. Canso de me prostituir com policiais e sempre sou ativo! Os caras pedem coisas bizarras como prender suas mãos na cama com as algemas e enfiar seus cacetes nos seus ânus. A violência aqui é na cama. E eles gostam!”, zombou o michê.

Ponto empresarial

Funcionários públicos e da iniciativa privada contam como reagir ao ponto eletrônico

● Felipe Simões

Agora nem padres nem bispos escapam mais do ponto. Em decisão inédita em mais de 40 anos, o Vaticano divulgou que vai cobrar, a partir do ano que vem, que todos os seus funcionários voltem a bater ponto. Isto significa que inclusive padres, bispos e arcebispos passarão a usar crachás eletrônicos para identificação e registro da hora de entrada e saída.

Essa decisão indica, na verdade, que, o que era, há pouco menos de 20 anos, sinônimo de ineficiência administrativa e subterfúgio para a ociosidade dos funcionários, agora é consenso entre os grandes gestores de pessoal: fazer o funcionário bater ponto é a melhor forma de controlar sua frequência em uma empresa.

Mas talvez o maior estigma que o famigerado ponto carregue consigo seja atribuí-lo ao trabalho monótono e à ociosidade do funcionalismo público brasileiro. Valdinéia de Souza Daniel, 54 anos de idade e 30 como funcionária da Companhia Docas do Rio de Janeiro – empresa de capital misto que administra o porto de quatro cidades fluminenses, incluindo o Rio –, explica melhor essa situação. Ela diz que quando entrou como funcionária concursada na CDRJ, no final dos anos 70, o ponto ainda era de papel e isso só foi mudar a partir de 1996, quando a empresa adotou definitivamente o ponto eletrônico.

“Nesse meio tempo, muitos funcionários agiam de má-fé e nem se davam ao luxo de vir aqui. O cartão deles quem batia eram seus colegas”, conta. “Bater ponto pelo colega acontecia muito, e grande parte dessas pessoas fazia isso para ir para o bar beber no horário do expediente e não sofrer descontos no salário”, acrescenta Daniel.

Isso porque o cartão de papel não exigia que fosse o próprio funcionário quem devia bater seu cartão uma vez que não havia medidas suplementares de fiscalização que comprovassem que o funcionário tinha de fato batido seu cartão naquela hora e tinha permanecido no local de trabalho até a hora em que sua saída foi registrada.

Essa era, portanto, uma prática bastante manipulável por aqueles que se utilizavam dela para poderem chegar atrasados ou sair antes da hora sem sofre-

rem qualquer desconto em suas folhas de pagamento. Era uma vez a visão geral de que funcionário público era um incorruptível cumpridor de seus deveres, como se acreditava na década de 50. Ao longo do tempo, a sociedade assumiu como verdade absoluta o fato de todo o funcionário pú-

te ao ócio e ao sub-aproveitamento da força de trabalho dentro de uma empresa”.

O superintendente, no entanto, descarta a idéia de que o cartão de ponto seja um símbolo da “malandragem do servidor público”. De acordo com ele, o hábito de pedir ao colega que batesse seu ponto era



blico ter sido contaminado por essa onda de ociosidade e baixo rendimento.

Contudo, o advento do ponto eletrônico trouxe uma nova brisa de otimismo a todos os gestores de recursos humanos de empresas que encontravam dificuldades em administrar de forma mais eficiente os horários de entrada e saída de seus subordinados. Agora, com esse novo sistema, o funcionário precisa passar o crachá eletrônico no relógio de ponto ou na catraca para leitura ótica e ainda registrar suas impressões digitais. Em outras palavras, não há como um colega bater o ponto por outro funcionário porque ele não tem como falsificar suas impressões digitais.

Para José Carlos Eiras, superintendente de recursos humanos da Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ), ex-chefe de RH do banco Itaú e com MBA em gestão empresarial, o surgimento do ponto eletrônico foi uma importante ferramenta no saneamento da administração de pessoal das empresas por ter “forçado a aposentadoria de um sistema de controle obsoleto e inoperante”, visto por ele como “um convi-

muito praticado também em empresas privadas com a diferença de que, ele não “aparecia tanto assim porque empresas privadas podem demitir seus funcionários quando bem quiserem”. E complementa: “Eu, por exemplo, trabalhei por cinco anos nos recursos humanos do banco Itaú. E posso lhe dizer: a mesma coisa que vi acontecer na CDRJ também acontecia lá, com a ressalva de que nós advertíamos o funcionário e depois podíamos demiti-lo”.

Thiago Rodrigues Sá, gerente de recursos humanos da empresa de auditoria Trevisan, divide, com Eiras, a mesma posição. Para ele, essa prática “tida como um exemplo do caráter vicioso do funcionalismo público brasileiro” não se restringia a eles. Ele observa que, quando trabalhava na Trevisan, uma parcela significativa de funcionários “driblava os esquemas de controle de marcação de ponto”, como a existência de câmeras instaladas no local onde ficavam as máquinas de ponto, e “com a ajuda dos colegas”, adverte.

O gerente afirma que, apesar de a fiscalização sobre os funcionários na iniciativa

privada ser, em tese, mais ampla do que nas repartições públicas, os empregados da iniciativa privada “davam um jeito” e “alegavam problemas pessoais ou de saúde” para não comparecer ao trabalho e nem apresentar algum atestado ou comprovante médico para tal, “mas o cartão simplesmente aparecia no fim do mês com todos os horários registrados e aí do chefe que questionasse”.

Mas, no geral, a impressão é que as coisas tenham mudado efetivamente com a introdução desse novo sistema de marcação de ponto. Tanto para os trabalhadores das repartições públicas quanto os da iniciativa privada.

Rodrigues Sá afirma que “agora está tudo mais fácil pra gente do departamento de pessoal porque não precisamos mais vigiar o funcionário o tempo todo para ver se ele está mesmo batendo o cartão naquela hora e não está indo embora. Agora tem a catraca. Ela é o nosso indicativo”.

Já a funcionária da CDRJ considera que o ponto eletrônico tenha ajudado a “sanear a administração de pessoal aqui em Docas”. Conforme argumenta, esse sistema “provoca, de cara, uma mudança radical: a pessoa pode muito bem vir aqui, bater seu cartão e ir embora, mas, isso tem ocorrido com cada vez menos frequência porque, pensa bem, isso força o funcionário a vir à empresa bater o cartão e, uma vez estando aqui, não vale a pena ele voltar para casa para depois voltar no final do expediente só para bater o cartão de saída; então ele fica e trabalha mais”.

Mas nada disso tem importância. Pelo menos não para Daniel que, em 30 anos de empresa, teve tempo suficiente para se orgulhar de ser funcionária pública e fazer do “bater ponto” um ritual diário de cumprimento de seus deveres. “Mais do que inventar milhões de novas maneiras de controlar e fiscalizar o trabalho dos empregados, as empresas deveriam ter aprendido que o mais importante é criar um clima legal, que acomode o empregado e o faça se sentir feliz com o seu trabalho e o ambiente ao redor. Eu, por exemplo”, continua, “tenho tempo suficiente de empresa para não ter vergonha de dizer que me sinto realizada a cada dia porque bato meu ponto, e isso me dá essa sensação de dever cumprido”, abrevia. E garante: “minha visão é compartilhada por grande parte dos meus colegas”.

Ponto da fé

Há mais de cem anos o jogo do bicho alimenta sonhos de apostadores e sustenta centenas de ‘aranhas’

● Leandro Morgado

“O jogador sonha com um ônibus. Aí ele vem aqui e joga no elefante porque o elefante é grande, mas dá o peru. Tem que saber analisar se o ônibus é bonito, se é colorido, porque aí pode dar o pavão ou a borboleta”. Pelo menos essa é a interpretação de um apontador do jogo do bicho, que consulta um livrinho de sonhos para aprimorar as apostas dos clientes em um ponto no Engenho de Dentro.

Personagem folclórico da cultura nacional, o apontador – conhecido como “aranha” no universo do jogo do bicho – é figura presente nas esquinas, botecos, padarias, galerias comerciais desde o final do século XIX. Sentado em uma carteira escolar, dessas comuns nos colégios públicos, ele passa o dia recolhendo as somas que cada sujeito arrisca em um animal como um corretor zoológico.

A aposta é feita em um simples talão de papel, em duas vias, ficando uma com o apostador e a outra com o “aranha”, que guardará com suas oito pernas a pule, a segunda via em carbono e o dinheiro, até o momento de repassá-los ao indivíduo responsável pelo recolhimento dos mesmos na área de influência de determinado bicheiro. Por qualquer desvio dessa rotina, o apontador certamente pagará com a vida. “No ponto da Marechal Floriano [rua no Centro do Rio de Janeiro], havia o jogo do bicho e o de cartas”, conta um ex-apontador de São Cristóvão, lembrando um episódio dos anos 1960. “Um apontador na época prendeu uma alta soma apostada, escondendo a pule para despistar o banqueiro. Logo que saiu o resultado da noite, sem dizer uma palavra o bicheiro atravessou a rua e, por sorte, não matou o “aranha!” na mesa do carteadado porque ele conseguiu ser mais rápido”.

Há uma forte relação de confiança e amizade entre o “aranha” e o banqueiro. O apontador defende os lucros da banca na região onde atua, informando ao bicheiro quando um alto valor apostado concorre a cifras que ultrapassam a casa dos cinquenta mil reais; é o caso do aviso ou descarga, em que os prejuízos com o pagamento dos grandes prêmios são passados adiante, para outra banca, sucessivamente, até sair o resultado do jogo. Por exemplo, se um apostador joga R\$ 50,00 no terno de dezena – ele pode ganhar R\$ 150.000 – num dos pontos do bicho em São Cristóvão, o apontador do local liga para o banqueiro que faz a mesma aposta num ponto de Madureira, e esse, por sua vez,

repassa o gasto para a banca de Bangu, e o jogo de empurra só acaba quando os números sorteados são divulgados e prejuízo tem um dono final.

O jogo de azar mais democrático do planeta, pois qualquer valor é aceito nas “fezinhas” em três sorteios diários (14h, 18h e 21h), chega a pagar R\$ 4.000 para cada R\$ 1,00 apostado “na cabeça”. A maioria dos apostadores prefere arriscar em um dos 25 grupos, cada um equivalente a um bicho. Os prêmios são sempre honrados com a palavra do banqueiro e pagos em dinheiro vivo ou mesmo cheque, independentemente da arrecadação do dia que, apesar de variar bastante de ponto para ponto, atinge cerca de R\$ 1.000 por ponto no sábado.

.....
“Um apontador na época prendeu uma alta soma apostada. Logo que saiu o resultado da noite, o bicheiro atravessou a rua e, por sorte, não matou o aranha na mesa do carteadado porque ele conseguiu ser mais rápido”

Conta um apontador de São Cristóvão ao lembrar um episódio dos anos 1960

.....

Entretanto, apenas pequena parcela de todo esse montante anotado pela caneta do “aranha” pára no seu bolso. Alguns recebem remuneração fixa, entre R\$ 600,00 e R\$ 800,00, outros uma porcentagem definida calculada sobre cada aposta feita no decorrer do seu expediente. O pagamento por comissão varia de região para região e, na melhor das circunstâncias, é de 20%, o que não quer dizer que eles recebem um soldo elevado, visto que há outros fatores, como o número de apostas e o valor desses investimentos, que influem em seus ganhos.

Desde os 12 anos, em média, eles já trabalham na contravenção. Começam entregando os resultados nos pontos de bicho, passam pelo escritório do banqueiro, onde conferem, transmitem por telefone ou carimbam os números sorteados, até conquistarem a confiança do bicheiro para ocupar o posto de apontador.

Os problemas entre o bicho e as leis trabalhistas são tão complexos quanto as próprias matemáticas e interpretações do jogo. Férias, 13º salário, FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e horas extras são ignorados pelos bicheiros. Os únicos benefícios dos apontadores são o vale-transporte e a ajuda-alimentação.

Segundo o TST (Tribunal Superior do Trabalho), para que seja válido o contrato de trabalho, o objeto tem de ser lícito, o que não se encaixa na lógica do jogo do bicho. Mas em 24 de outubro de 2007, juiz da 13ª Vara do Trabalho de Recife (PE) reconheceu o vínculo de emprego e os títulos trabalhistas do apontador de jogo do bicho que reclamou perante a Justiça contra o dono da banca, afirmando que foi admitido em setembro de 2005 e demitido sem motivo em maio de 2006, sem carteira de trabalho assinada e verbas rescisórias.

Se frente à legislação trabalhista os espinhos são muitos, com a polícia a relação é mais amistosa e em alguns casos teatral, desde que as propinas sejam pagas em dia e em dólar. “Já aconteceu de um bicheiro ser preso e, no mesmo dia, ser trocado por um apontador em um acordo firmado com as autoridades de repressão”, relatou apontador do Engenho de Dentro.

Surgido no início da República pelas mãos do Barão de Drummond para reerguer o jardim zoológico de sua propriedade, em Vila Isabel, o jogo do bicho está em profunda decadência, ao contrário das décadas áureas de 60 e 70. Tanto que o bicheiro, tão enraizado no imaginário popular, misturado a sambistas, compositores e malandros, foi obrigado a diversificar suas atividades com as famosas máquinas caça-níquel, vídeo-pôquer e transporte alternativo.

O efeito da depressão econômica no bicho afeta diretamente a receita dos apontadores. Ainda mais porque, agora, os apostadores podem acessar on-line os resultados de todos os sorteios. Um deles é o www.bpt.com.br, gratuito; outro, apesar de também não permitir apostas, é o site www.ojogodobicho.net para assinantes com mensalidade de R\$ 17,00.

O ponto do bicho se perde na agitação moderna das cidades brasileiras quase que silenciosamente. E aquele homem – já se vê também mulheres como apontadoras – sentado numa cadeira de escola na porta de um botequim sujo cede espaço para o clique do mouse no ícone “deu no poste”, uma referência ao local onde ficam colados os resultados na rua.

Matemática dos “Aranhas”

Primeiro, vamos procurar entender um pouco das regras do bicho. São 25 animais, cada um relacionado a quatro dezenas específicas, que vão do zero ao 99. Os cinco números sorteados contêm dezenas, centenas e milhares. As apostas podem ser feitas de diversas formas, em um dos três horários (14h, 18h e 21h):

Milhar na cabeça – você escolhe quatro números e aposta que eles vão estar entre os cinco números sorteados. O bicho paga R\$ 800 para cada R\$ 1,00 apostado.

Grupo – você escolhe o bicho e aposta no grupo. O bicho paga R\$ 18,00 para cada R\$ 1,00 apostado.

Centena na cabeça – você escolhe uma centena e aposta que a centena vai dar em primeiro lugar. O bicho paga R\$ 600,00 para cada R\$ 1,00 apostado.

Duque Dezena – você escolhe duas dezenas combinados entre as cinco primeiras. O bicho paga R\$ 300,00 para cada R\$ 1,00.

Observe o seguinte resultado:

3461
8674
2251
3363
8874
623
020
11

Então, a partir do sorteio acima, iremos para uma questão corriqueira no dia-a-dia de um apontador. O apostador coloca R\$ 50,00 no milhar 0817 na cabeça e no duque de grupo do cachorro (grupo 5) cercado entre os sete. Qual é o prêmio que ele ganha?

Ele ganhou na sétima linha da tabela, na dezena 20, referente ao grupo do cachorro. O prêmio é de R\$ 25,00 x R\$ 18,75 = R\$ 468,75.

Pontão de Cultura na ECO

Estação Digital, em fase de implementação na Escola de Comunicação da UFRJ, se baseia em gestão compartilhada e estímulo à cultura popular

● Renata Saavedra

Cultura digital e gestão compartilhada – temas que não saem da teoria na Escola da Comunicação da UFRJ – vão entrar em prática com o Estação Digital, Pontão de Cultura que está sendo implementado na escola. A primeira atividade promovida pelo Estação Digital, em parceria com a Rede Universidade Nômade e o Ministério da Cultura, será o Fórum Livre de Direito Autoral.

O evento inaugural, que acontecerá nos dias 15, 16 e 17 de dezembro, pretende discutir os impasses da atual legislação de propriedade intelectual, buscando compatibilizar a proteção legal dos direitos com o acesso à cultura. Além do Fórum, o Pontão da ECO vai organizar oficinas, seminários, mostras, mantendo como foco a ampliação do alcance da cultura digital a partir da linguagem audiovisual.

Essa é a expectativa de Gustavo Barreto, coordenador executivo do projeto, que explica que a proposta do Pontão é investir na cultura popular digital através da articulação com outros pontos de cultura do estado. “O Pontão da ECO já nasce com este objetivo, previsto no próprio corpo: dar suporte a todos os demais 70 Pontos de Cultura do Rio de Janeiro. A “sociedade” com que dialogaremos é, na verdade, a sociedade civil organizada, aquela que se reúne topicamente, por temas

.....
“Na Comunicação da UFRJ, a cultura digital ainda é um tema que não saiu da teoria”, diz Gustavo Barreto

ou por região. Neste caso, em torno do tema ‘cultura’”, conta Gustavo.

Essa função articuladora é um dos grandes desafios que o projeto enfrentará. É preciso transpor os muros da universidade – os muros externos e internos –, integrando diferentes cursos e áreas e atraindo a sociedade. Caberá ao Pontão também discutir e reestruturar a cultura digital na universidade, já que esse é seu eixo temático.”O cenário da cultura



digital dentro da universidade não é muito animador, do ponto de vista da infraestrutura de hardware e software, que é uma parte importante, mas é claro que há muito interesse pelo tema. As áreas ainda não se falam muito – cursos de tecnologia, humanas e exatas –, mas há alguns projetos que promovem este tipo de integração. Agora, na Comunicação da UFRJ, a cultura digital ainda é um tema que não saiu da teoria. Não há, exceto algumas poucas iniciativas pouco elaboradas, projetos importantes nesta área”, diz o coordenador executivo do projeto.

Seguindo esse eixo, o Pontão promoverá ações variadas na área de mídia livre e cultura digital, elaborando e executando oficinas práticas, atividades de pesquisa e ensino, mostras audiovisuais e de cultura digital e formando redes de serviços – estudando, por exemplo, meios de distribuição de conteúdo alternativos aos meios tradicionais, que são concentrados nas mãos de poucos grupos.

Equipe “antennada”

Essas atividades estão sendo planejadas por uma equipe que conta, inicialmente, com a diretora Ivana Bentes, o radialista Gustavo Barreto e os produtores Leandro Uchoas e Giuliano DjahDjah, além de técnicos. “Todos os componentes da equipe, na verdade, têm uma boa experiência na área de cultural digital: Leandro é da área de cinema, por exemplo; DjahDjah já costumava dar oficinas de Linux; eu tenho

experiência em web e áudio, também com oficinas populares. A Ivana tem um histórico de preocupação conceitual dentro desta temática e trabalha com televisão. Então, a equipe é muito “antennada” e aumenta no número de colaboradores, pois uma das idéias é articular a universidade. Já temos cerca de 30 colaboradores relativamente “fixos”, conta Gustavo.

O que se convencionou chamar de “cultura digital” é um conjunto de práticas

que representam uma nova sociabilidade, uma nova forma de a sociedade se organizar, explica Barreto. “De fato, é notável que algumas questões mudaram drasticamente a partir da introdução de tecnologias até então inacessíveis à maior parte da população. Ainda hoje estas tecnologias são inacessíveis para grande parte do público, mas, à medida em que governos e empresas a introduzem como ferramenta de gestão, por exemplo, este quadro segue mudando drasticamente”. O radialista destaca como exemplos cotidianos novas formas de trabalho – ofertas do tipo “trabalhe em casa” – ou fenômenos identitários ou afetivos, como os sites de relacionamento.

Como explica o ex-ministro da Cultura Gilberto Gil, a cultura digital parte da idéia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural. “O que está implicado aqui é que o uso de tecnologia digital muda os comportamentos. O uso pleno da Internet e do software livre cria fantásticas possibilidades de democratizar os acessos à informação e ao conhecimento, maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, e potencializar também a produção cultural, criando inclusive novas formas de arte”, diz Gil.

Pontos de cultura

O Ponto de Cultura é a ação prioritária do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC) e articula todas as demais ações desse programa – que envolvem capacitação, educação, estímulo ao empreendedorismo, etc. Iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, que firmaram convênio com o MinC, por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Ponto de Cultura e ficam responsáveis por articular e impulsionar as ações que já existem nas comunidades.

Atualmente, existem mais de 650 Pontos de Cultura espalhados pelo país e, diante do desenvolvimento do Programa, o MinC decidiu criar mecanismos de articulação entre os diversos Pontos, as Redes de Pontos de Cultura e os Pontões de Cultura.

O Ponto de Cultura não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a comunidade.

O papel do Ministério da Cultura é o de agregar recursos e novas capacidades a projetos e instalações já existentes. Além disso, o MinC também oferece equipamentos que amplifiquem as possibilidades do fazer artístico e recursos para uma ação contínua junto às comunidades.

Conheça os pontos de cultura em www.cultura.gov.br

Pontos de Umbanda

Cantados há mais de um século, pontos se dividem entre a tradição e o negócio

● Arcângela Rocha

Antes de serem iniciados os trabalhos em qualquer centro de Umbanda, um ponto deve ser cantado. Ao som do atabaque e das vozes dos pais e mães de santo, tem início uma cerimônia embalada, durante horas, por pontos com os mais diversos ritmos, composições e finalidades. Esse ritual, repetido há mais de cem anos, mantém parte de uma tradição religiosa que, por ceder aos interesses do mercado, pode estar perdendo parte de sua identidade.

Os pontos são músicas cantadas para saudar ou invocar entidades. Considerados um dos fundamentos da Umbanda, acredita-se que eles carregam uma grande quantidade de energia necessária para que os médiuns possam entrar em transe e realizar os trabalhos espirituais. Suas características variam conforme uma série de elementos, entre eles a linha seguida pelo terreiro, a entidade a que eles se destinam e o motivo pelo qual são cantados. Cada ponto pertence a uma categoria relacionada a uma das entidades e, por isso, eles não podem ser misturados.

.....
"Os pontos cantados são o livro não escrito dos cultos afro-brasileiros e são o único fator que os une efetivamente."

— A forma de cantar varia de terreiro para terreiro. Alguns cantam mais devagar, outros com mais vivacidade. Depende da entidade ou do orixá em questão e da finalidade do ponto. Os pontos de Iansã, por exemplo, são agitados, enquanto os de Yemanjá dão sensação de calma. Eles representam bem a personalidade e a energia de cada um desses orixás — diz Cícero Arruda, médium do Centro de Umbanda Caboclo Guarani.

De modo geral, os pontos podem ser divididos em dois tipos: os de raiz e os de louvação. Os de raiz são trazidos do mundo astral por entidades incorporadas ou intuídos em médiuns que têm a capacidade de recebê-los. Já os pontos de louvação são compostos para saudar os mentores espiri-

tuais. Para alguns estudiosos da Umbanda, a quantidade excessiva de pontos de louvação criados e cantados hoje em dia faz com que as músicas percam parte de sua identidade e qualidade.

Embora não existam dados estatísticos precisos sobre o tema, somente no acervo da



Início do ritual no Templo de Umbanda Caboclo Pena Branca

Faculdade de Teologia Umbandista, localizada em São Paulo, estima-se que existam 20.000 cantigas. Na internet, centenas de sites disponibilizam o download de pontos em mp3 enquanto blogs e comunidades virtuais criam inúmeros fóruns para divulgar pontos das mais diversas categorias.

Segundo William de Ayrá, dirigente do Tempo da Estrela Verde e conselheiro do Conselho Nacional da Umbanda do Brasil (CONUB), os pontos estão progressivamente se afastando de sua tradição, o que é causado por uma produção massiva, fruto de uma aproximação cada vez mais frequente com os interesses do mercado.

— O que nós vemos hoje é um empobrecimento dos pontos. O ponto é um ritmo sagrado que não pode ser produzido em série, como nas indústrias. Atualmente, suas melodias e ritmos se aproximam cada vez mais do modo como se canta samba-enredo, pagode, funk e até mesmo música gospel. A intenção é criar um mercado para esse tipo de atividade. — afirma.

Embora reconheça uma histórica influência dos pontos na música brasileira, William de Ayrá acredita que esse movimento vem se desdobrando em um sentido inverso. “Os pontos cantados e os ritmos de terreiro são grandes responsáveis pela criação da maior parte da nossa música popular. Pixinguinha, Villa Lobos, Dorival Caymmi e outros se inspiraram nas canções de terreiro para produzir suas obras imortais. Claro que sempre há a re-influência, mas infelizmente a perda de identidade dos pontos

é um prejuízo muito grande que sofremos atualmente”, acrescenta.

Muitos umbandistas acreditam que a transformação dos pontos em um negócio resulta da facilidade com que eles podem ser feitos. Para Carlos Alberto Freitas, fundador do Centro Espírita Pai Francisco do Congo, a democratização da composição dos pontos dificulta a existência de um padrão de qualidade. Além disso, ele ainda aponta os Festivais de Curimba — evento onde vários terreiros se apresentam na intenção de produzir novos pontos para a comunidade umbandista — como um dos principais responsáveis pelo marketing que envolve os pontos.

— Atualmente observamos o surgimento de pontos de louvação num número muito superior a pontos de raiz. Por mais que eu respeite esses festivais, não se pode negar que neles são produzidas muitas canções ruins, sem inspiração e musicalidade. O catastrófico é que muitos desses pontos vão parar no terreiro e aí muito da parte importante da tradição acaba se perdendo, pois os pontos de raiz vão sendo substituídos por estes, os pontos antigos vão sendo esquecidos e a prática de se receber mediunicamente as cantigas vai desaparecendo — explica Carlos Alberto.

A energia dos pontos cantados e tocados

Tão importante quanto a maneira de cantar os pontos é o modo de tocá-los. Presente na grande maioria dos terreiros, o atabaque é o principal instrumento utilizado para dar ritmo às canções. Em alguns centros,

também são usados instrumentos auxiliares como o chocalho e o agogô, por exemplo. Embora o uso do atabaque não seja obrigatório — até porque nem todos os centros possuem condições de comprá-lo — ele é de grande importância por fazer parte da ritualística e por ser um ponto energético.

— Os atabaques são grandes pontos de força num terreiro. As vibrações dos sons manipulam energias no ritual, por isso é importante tocar de maneira correta para que tenhamos uma harmonia nas giras. Um atabaque mal tocado e/ou tocado de forma mal intencionada pode trazer grandes problemas vibratórios para o terreiro — explica Leonardo Costa, professor de atabaque e atabaqueiro do Templo a Caminho da Paz.

O acúmulo das energias necessárias para a realização dos rituais, de acordo com a tradição Umbandista, é fruto da combinação entre a batida do atabaque e o canto dos pontos. Cada tipo de ponto corresponde a uma maneira específica de tocar o instrumento. Cícero Arruda explica que as músicas, por carregarem muita energia, nunca podem ser cantadas por pessoas que não saibam o que estão fazendo, já que isso pode prejudicar todo o ritual, gerando desequilíbrios energéticos.

Para William de Ayrá, a energia contida nos pontos vai muito além dos trabalhos realizados nas sessões. De acordo com o conselheiro, os pontos carregam grande parte da história da religião, servindo como um elo entre as mais diversas correntes umbandistas.

— Os pontos cantados são o livro não escrito dos cultos afro-brasileiros e são o único fator que os une efetivamente. Nada mais fala tão forte pela unidade ritualística e pela origem comum de todos os terreiros e é a música que abre as portas de conexão com o mundo espiritual. Daí nossa preocupação com a assimilação pelo mercado e com a perda de identidade dos pontos — conclui.

Pontos famosos

Alguns pontos de raiz são muito populares entre as pessoas de dentro e fora da Umbanda. Vários cantores famosos regravam pontos antigos, colocando-os nas paradas de sucesso. O ponto “Sino da Igrejinha”, por exemplo, foi gravado em 2002 pela banda Monobloco. O ponto é uma invocação ao Exu Tranca Ruas: “O sino da Igrejinha faz Belém-Blém-Blóm / Deu meia noite, o galo já cantou / Seu Tranca-Rua que é dono da gira / Ô corre Gira que Ogum mandou”.

Outro ponto conhecido de Norte a Sul do Brasil é “Marinheiro Só”, gravado por muitos cantores famosos, entre eles Caetano Veloso: “Ô, Marinheiro, marinheiro, marinheiro só / Ô, Quem te ensinou a nadar, marinheiro só / Ou foi o tombo do navio, marinheiro só / Ou foi o balanço do mar, marinheiro só”.

Microponto

A droga que faz você viajar

Luna Meirelles

Doce, gota, papel, quadrado, filete, ponto de ácido, microponto. Pontos tão pequenos, mas que abrem um universo mágico, de fantasias e possibilidades. O ácido lisérgico, mundialmente conhecido como LSD (sigla de dietilamina do ácido lisérgico, em inglês), é uma substância sintética, produzida em laboratório, que tem efeitos alucinógenos e psicodélicos. A droga é líquida e aparece em diversas cores e formatos: desde doces com a substância colorida na superfície, a tiras de gelatina e até cartelas de papel impressas com os mais variados desenhos, como Onde está Wally, Bike 100 anos, Mestre Yoda e Mickey Mouse, por exemplo.

“Certo dia eu estava em casa e resolvi tomar um ácido. Saí para curtir a onda e quando fui atravessar a rua vi um dragão rosa correndo na minha direção”, conta um usuário.

O LSD ganhou popularidade na década de 60, com o movimento hippie. Naquela época, expandir a consciência era palavra de ordem e era comum até que bandas musicais fizessem alusão à droga, como os Beatles, com a música Lucy in the Sky with Diamonds. Hoje, no Brasil, essa droga tem caráter elitizado, pois uma dose custa, em média, 40 reais. Os usuários, geralmente jovens, a usam tanto nas famosas raves, quanto em meio à natureza, onde o ácido faz a paisagem natural assumir cores mais intensas. Essa e outras drogas, como chá de fita cassete ou de pilha, estão ‘fazendo a cabeça’ dos adolescentes.

Os efeitos alucinógenos do LSD foram descobertos acidentalmente em 1943 pelo químico alemão Albert Hoffmann que, tentando achar uma propriedade terapêutica na substância, se viu obrigado a interromper o trabalho e voltar para casa devido a sensações incomuns. Ele passou horas apavorado achando que sua vizinha era uma bruxa e que seus móveis o estavam ameaçando.

“Imagens caleidoscópicas fantásticas surgiram em mim, se abrindo e fechando em círculos e espirais, explodindo em fontes coloridas. Um demônio tinha me invadido, tomado posse do meu corpo, mente, e alma. Saltei, gritei e tentei me livrar dele, entretanto afundei novamente e me deitei impotente no sofá”, escreve Hoffmann no livro LSD: Minha Criança Problema.

Sem dúvida, o LSD é uma das mais potentes substâncias alucinógenas inventadas pelo homem. Segundo Marcelo Cruz, psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), uma dose de 20 a 50 microgramas – para se ter idéia, um micrograma cabe na ponta de uma agulha – produz brutal aumento dos sentidos e intoxicação que pode durar por um período de 8 a 12 horas.

A droga é inodora, insípida e incolor e se apresenta em cartelas subdivididas em “pontos”, que é efetivamente onde está o

princípio ativo. Para se obter os efeitos da droga, esse “ponto” é ingerido ou colocado embaixo da língua. Os usuários as consomem com o intuito de terem visões e sensações novas, pois as formas, cheiros, cores e situações se modificam, levando a pessoa a criar ilusões e delírios, como, por exemplo, paredes que escorregam, mania de grandeza e perseguição.



Cartela de LSD com 25 pontos; todos com a substância na superfície

No livro Vale tudo - O som e a fúria de Tim Maia, Nelson Motta diz que Tim Maia foi apresentado ao LSD por um hippie doidão em bairro alternativo de Londres. “O Tim chegou em casa, tomou uma, não sentiu nada e mandou mais duas. E foi para a cozinha fritar um bife. De repente veio de lá voado, gritando que o bife estava rindo para ele”.

Os efeitos da droga aparecem de 30 a 90 minutos após a ingestão. O LSD é capaz de produzir fenômenos alucinatórios, nos quais a pessoa pode sentir, ver e ouvir coisas inexistentes no ambiente em que ela se encontra. Essas sensações variam de acordo com a quantidade de ácido ingerida, personalidade do usuário, contexto (ambiente), humor e expectativas, além da qualidade do produto.

Os sintomas psíquicos são imprevisíveis e podem ser agradáveis ou não. Segundo usuários, o ‘doce’ provoca alteração na percepção temporal e espacial, sentimento de bem-estar, experiências de êxtase e sensibilidade sensorial mais aguçada, o que faz com que a pessoa enxergue cores mais brilhantes e escute sons imperceptíveis, por exemplo.

Mas às vezes o consumo da droga, além de provocar alteração total da percepção da realidade, também leva a delírios, ilusões e confusão. “O ácido pode causar dificuldade de concentração, pensamento desordenado, perda do controle emocional, euforia alternada com angústia, pânico, paranóia, ansiedade, crises depressivas, perturbações da memória, psicose e até despersonalização”, afirma o psiquiatra Marcelo.

“A primeira vez que tomei ‘doce’ a ‘onda’ demorou a bater e, como não estava sentindo nada, fui dormir. Quando deitei na cama e fechei os olhos, milhões de sentimentos, desenhos cores e tudo o que se possa imaginar veio à minha mente. Me senti dentro de um vídeo-game! E meu coração disparado. Resolvi ir para fora da casa esperar o dia amanhecer e a ‘onda’ passar.

Fiquei olhando para as árvores e via todas se mexendo, dançando mesmo e falando umas com as outras....porra!! Que loucura! E o pior de tudo é que eu estava consciente da loucura que passava pela minha cabeça, sabia que era tudo efeito do ácido, mas não conseguia fazer nada para parar de ver e sentir aquilo. Eu não estava curtindo. Estava com muito sono, mas só consegui dormir na madrugada do dia seguinte. O meu corpo não correspondia à minha cabeça ou às minhas vontades. Fiquei refém da onda até ela passar”, relata uma ex-usuária.

A esses efeitos mais negativos, os usuários dão o nome de “bad trip” (onda errada). Segundo Marcelo, o fato de a pessoa permanecer consciente de que sua alucinação é apenas fruto da imaginação ocorre porque quando se usa drogas, principalmente as alucinógenas como o LSD, as funções mentais ficam prejudicadas. É por isso que às vezes o indivíduo fica ciente de que seus delírios não são reais, mas ao mesmo tempo não consegue acabar com eles.

Quanto às reações físicas causadas pelo uso do LSD, o psiquiatra afirma que a droga provoca dilatação das pupilas, mandíbula presa, perda de apetite, hipotermia, transpiração, insônia, tremores, sudorese, aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial, fraqueza, náuseas e vômitos.

O perigo do LSD não está tanto na sua toxicidade para o organismo, mas na imprevisibilidade de seus efeitos psíquicos. “Como a substância modifica gravemente o estado mental, o indivíduo tem sua capacidade de julgamento e avaliação de riscos muito prejudicada. A ocorrência de delírios agrava este quadro: o usuário julga-se com capacidades ou forças irreais”, explica Marcelo.

“O uso continuado pode provocar dependência, além de problemas psicológicos, como depressão, ansiedade e psicose. Um dos maiores riscos relacionados ao uso do LSD é o desencadeamento de quadros psicóticos persistentes. O que se supõe é que uma dose já seria suficiente para desencadear esquizo-

frenia em pessoas suscetíveis à doença. Para outras, a esquizofrenia poderia ser desencadeada pela continuidade do uso ou aumento da dosagem”, acrescenta.

Também existe uma possibilidade de ‘flashbacks’, um fenômeno psicológico no qual o indivíduo (re)vivencia uma “viagem” da droga. “Como a substância se distribui pela gordura do corpo, pequeníssimas quantidades podem ficar ‘armazenadas’ no organismo. Quando estas moléculas voltam à corrente sanguínea e ao cérebro, o indivíduo tem um flash do quadro de alucinações e/ou delírios. Isto pode acontecer até mesmo dias depois do uso”, explica o médico.

“Estava na sala de aula, quando a ‘onda’ do ‘doce’ que eu tinha tomado em uma rave voltou. Tive as mesmas sensações: comecei a ver vários pintinhos voando em volta da minha cabeça, como que em um desenho animado”, conta um usuário.

É curioso o fato de o LSD ter ganhado um apelido literalmente ‘doce’. E não só ele. O MDMA, mais conhecido como ‘ecstasy’, também ganhou um nome que remete a guloseimas infantis: ‘bala’. Ambas as drogas fazem parte do ‘kit rave’ da maioria dos frequentadores dessas festas. O óculos escuro é outro acessório que não pode faltar, pois como essas drogas dilatam a pupila, o usuário fica com o olho sensível ao jogo de luzes das raves. Essas festas chegam a durar até 24 horas, com música ininterrupta; para não falar dos festivais, que duram em média uma semana.

No Brasil, usar ou traficar drogas é crime. Mas segundo o Departamento de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal, os criminosos não se admitem como tal. Moram em bairros elegantes, vestem roupas de grife, estudam em faculdades particulares, possuem carro e altas mesadas. De acordo com o artigo 12 da Lei 6.368 de outubro de 1976, conhecida como “Lei Antitóxica”, a pena para quem tem contato com a droga é de 3 a 15 anos de reclusão, e pagamento de 50 a 360 dias-multa.

Como surgiu...

O químico alemão Albert Hoffmann foi quem primeiro sintetizou a droga. Em seu livro, “LSD: Minha Criança Problema”, Hoffmann explica que o LSD é feito a partir de substâncias produzidas por um pequeno fungo (*Claviceps purpurea*), que cresce como parasita em algumas espécies de gramíneas e cereais, como a Cravagem do Centeio – uma planta ao mesmo tempo venenosa, mas com algumas propriedades medicinais.

No século XX, químicos do Instituto Rockefeller, em Nova York, isolaram o núcleo comum a todos os alcalóides dessa planta, ao qual deram o nome de ácido lisérgico. Hoffmann, que na época trabalhava isolando os princípios ativos de plantas medicinais para produzir componentes puros, no Laboratório da Companhia Sandoz, na Suíça, começou a se interessar e a pesquisar mais sobre essa substância.

Suas descobertas tornaram o ácido lisérgico importante para a medicina, pois ele era um dos componentes utilizado na fabricação de medicamentos como o Dihyergot, utilizado para estabilizar a pressão sanguínea; e o Methergine, que reduz o sangramento pós-parto. Na busca de novas propriedades medicinais desse componente, Hoffmann, acabou sintetizando, em 1938, a 25ª substância da série de derivados do ácido lisérgico – LSD25. O que era para ser um estimulante circulatório e respiratório acabou se tornando uma das drogas mais utilizadas atualmente.

É o fim e ponto

Trocar de curso, carreira e até de noivo pode ser a mudança necessária para recomeçar e ser feliz

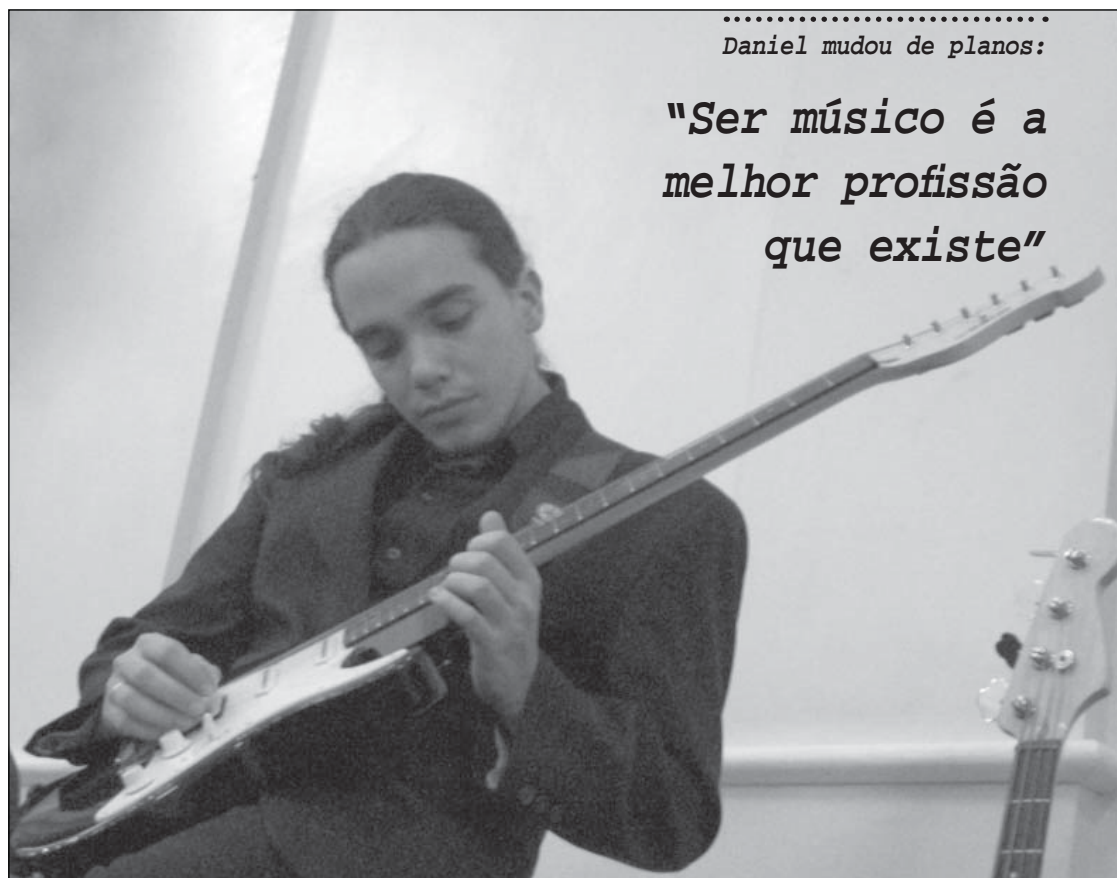
● Júlia Silveira de Araújo

Cláudia estava noiva de Sílvio há dez anos, Daniel se preparava para ser analista de sistemas e Lucas já estava na metade de seu curso de Engenharia em uma universidade pública. Meses depois, Cláudia estava casada com Pedro, Daniel tinha largado os estudos para se tornar músico e Lucas havia trancado a faculdade e entrado em um curso pré-vestibular. Três pessoas diferentes que tomaram uma mesma decisão: colocar um ponto final e recomeçar. Depois de vivenciarem situações de desconforto e sofrimento, Cláudia, Daniel e Lucas optaram por rupturas radicais, buscando opções que os fizessem mais felizes.

Segundo a psicóloga Leilá Ramalho, pessoas que são expostas a situações desagradáveis tendem a tomar atitudes radicais. “A mudança profunda é sempre uma decisão decorrente de conflito e insatisfação. Muitos, por medo, mantêm-se por anos em situações desconfortáveis, mas outros se arriscam. A ruptura é uma iniciativa diferente das mudanças naturais, pelas quais todos passam, sendo um processo que exige coragem”, explicou.

Foi o caso de Cláudia Ferreira, de 47 anos, que terminou um noivado de quase uma década para, meses depois, se casar com um novo amigo. O ex-noivo era seu amigo de infância, Sílvio, e os dois começaram a namorar ainda na adolescência. Depois de dois anos de relacionamento, o casal decidiu ficar noivo, mas a relação terminou dez anos depois. O motivo do término foi o encontro de Sílvio com Pedro, hoje seu marido. “Pedro era amigo de um primo meu. Nos conhecemos em uma festa na qual fui com o Sílvio. Mas meu noivo foi embora mais cedo, tinha que trabalhar no dia seguinte, e me deixou na companhia do meu primo. Passei a noite toda conversando com o Pedro, mas nada aconteceu”, contou Sílvio.

Alguns dias após o primeiro encontro com o marido, a jovem decidiu terminar o noivado para começar o novo relacionamento. “Fiquei pensando no Pedro depois que o conheci, mas não esperava que ele fosse me telefonar e me procurar. Acabei terminando o noivado e ficando com ele”, lembrou Sílvio, que não ficou noivo novamente, mas se casou um ano depois do começo do novo relacionamento. “Estávamos apaixonados um pelo outro. Era uma experiência nova, muito diferente da que eu tinha tido nos últimos dez anos. Não havia porque espe-



.....
Daniel mudou de planos:

“Ser músico é a melhor profissão que existe”

Foto: Júlia Silveira de Araújo

rar. Quando encontrei o Pedro, corri atrás do que eu queria e não me arrependo”, derrete-se.

Sílvio disse ainda que não costumava ser ousada em outras áreas de sua vida, mas que, diante de um relacionamento infeliz, decidiu recomeçar. Segundo a psicóloga Leilá, os processos de modificações intensas são sempre decorrentes de um desconforto. “As mudanças não são inerentes a todos os seres humanos. Elas acontecem de acordo com a história de cada um, com a personalidade. Quem está em uma situação estável não se sente impelido a mudar, apenas quem vive uma situação conflituosa”, explicou.

Daniel Cahon, de 20 anos, também passou por um conflito há dois anos, o que o motivou a abandonar os planos iniciais para seguir a carreira de músico, com a desaprovação da família. Depois de anos fazendo cursos e se dedicando ao vestibular, visando o curso de análise de sistemas, Cahon decidiu mudar seus planos para o futuro. Dias antes do exame que poderia lhe garantir uma vaga em uma universidade pública, o estudante desistiu da informática e optou por seguir a carreira artística. “Meu irmão é formado em análise de sistemas pela UFRJ e dizia que eu devia fazer vestibular e me preparar.

Estudei muito e cheguei a dar aulas, mas, depois de um tempo, comecei a ver que ser músico era um profissão séria e que eu poderia ganhar dinheiro com o que eu já fazia”, contou Cahon.

Apesar das críticas de amigos e parentes, o jovem se diz realizado com a escolha. “Ser músico é a melhor profissão que existe. Minha felicidade traz meu dinheiro e não o contrário”, filosofou.

Já Lucas Camacho, de 20 anos, passou por uma mudança ainda maior, modificando seus planos após ser aprovado no vestibular e depois de ter cursado dois anos de Engenharia Elétrica na universidade pública CEFET - RJ. O motivo da ruptura foi o desejo de cursar Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF). A decisão surpreendeu a família e os amigos. “A maioria das pessoas sempre fica espantada. Os meus pais me apoiaram, mas com algumas ressalvas. Eles pediram para eu não

positiva”, concluiu.

De acordo com Leilá, no caso de Cahon e Camacho, a ruptura é consequência do desconforto com a carreira escolhida. “Situações de mudança de profissão ou de curso são comuns. Muitas vezes os jovens entram em conflito por se decepcionar com a escolha. A troca de faculdade ou de carreira é uma resposta a essa insatisfação”, analisou.

A psicóloga explicou ainda que não há uma regra geral para as rupturas e que não é possível qualificá-las como positivas ou negativas. “A mudança pode ser saudável, mesmo que a transição, em si, cause sofrimento. A ruptura, muitas vezes, é um sinal de que o indivíduo está reagindo corajosamente a um problema. Mas mudar o tempo todo, sendo incapaz de alcançar estabilidade, é negativo. Quem procura algo e nunca acha pode não estar psiquicamente saudável”, concluiu.

Os pontos finais em números

Cahon e Camacho são apenas dois dos milhares de jovens que mudaram de idéia quanto à profissão. Em 2006, mais de 500 mil universitários brasileiros trocaram de curso, pediram transferência para outras faculdades ou desistiram do currículo que pretendiam seguir. Os números são do Ministério de Educação e correspondem a 11,3% dos estudantes matriculados no ensino superior.

Quando o assunto é casamento, Sílvio também não é a única indecisa. Para cada quatro casamentos realizados em 2007 foi registrado um divórcio, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). O número de separações neste ano – 231.329 – é o maior no país desde 1984.

Ponto Final.

Idas e vindas no Cosme Velho: o terminal que dá início a muitas histórias

Fernanda Cosenza

“Tá vendo ele ali? Ali, em pé em frente ao shopping, aquele senhor de cabelo branco. Isso, de calça jeans e camiseta branca. Então, é ele.” A trocadora fala com o motorista do 583. Assim que o ônibus chegar ao seu destino final - o terminal no fim da Rua Cosme Velho - a descrição será cuidadosamente repetida para os colegas de trabalho numa animada roda de conversa durante o intervalo. Tudo isso porque o “ele” em questão é ninguém menos que o dono da empresa de ônibus São Silvestre, que pode ser encontrado, quase que diariamente, de pé na calçada em frente ao Botafogo Praia Shopping. Uma estratégia para ter certeza de que seus veículos estão circulando de acordo com as regras.

É no ponto final que essa e muitas outras histórias são compartilhadas, quando os motoristas e trocadores têm a oportunidade de se encontrar, entre uma viagem e outra, e trocar algumas experiências. Muitas vezes esse contato é importante até mesmo para garantir o emprego. Entre um papo e outro os funcionários acabam sabendo através dos colegas, por exemplo, que os finais entram no ônibus como passageiros comuns e observam tudo. Ao mínimo sinal de uma falha, eles imediatamente transmitem a informação através do rádio. Quando o carro chega na garagem as devidas providências já são tomadas.

O ponto final de seis linhas de ônibus, um alargamento no final da Rua Cosme Velho, fica próximo à subida para o túnel Rebouças. O local abriga linhas que vão até a Central, Penha e Grajaú, além das circulares da Zona Sul. Mas não é só o movimento dos ônibus que chama a atenção por ali. O ponto final também é um ponto de encontro, que reúne motoristas, trocadores, passageiros, turistas, moradores locais e quem mais estiver passando por lá.

Eguinaldo Santos, atualmente inspetor da linha 422, já fez de tudo um pouco. Já foi motorista, que segundo ele é o trabalho mais estressante que se pode fazer numa empresa de ônibus; cobrador, que também tem sua dose de estresse devido aos caloteiros; e despachante, o cargo mais tranquilo em sua opinião.

Seu trabalho como inspetor é passar o dia no ponto final e garantir a organização dos carros e funcionários da linha para que tudo funcione corretamente. Além disso, ele também é responsável por resolver problemas, como em casos de acidentes, por exemplo. Eguinaldo diz que já viu de tudo:

atropelamento, colisão com várias vítimas e até mesmo uma morte dentro do carro, quando um passageiro reagiu a um assalto e foi baleado. Apesar disso, ele diz que essa linha não é uma das piores, uma vez que não passa por áreas de risco, como morros e favelas, mas admite que o índice de assaltos a coletivos aumentou muito desde que começou a trabalhar, na década de 80.



Bate-papo animado na hora do intervalo. O Flamengo fora da Libertadores foi o assunto do dia

A trocadora Suzana Ferreira, do 583, confirma a estatística. Mesmo com somente um mês de experiência em transportes coletivos, ela já se familiarizou com as gangues que atuam na linha. “Tem o cara que fica enrolando na roleta, procurando o dinheiro no bolso. Enquanto você se distrai olhando pra ele e esperando a sua vez de passar, vem uma loura atrás e leva tudo. Tem também um que entra com umas bolsas de feira cheias de isopor. Ele senta do seu lado, todo atrapalhado com as sacolas e quando você vê já não tem mais a carteira, o celular. Dizem que também tem um japonês que se disfarça de gringo pra assaltar e ninguém desconfia dele, mas pessoalmente eu nunca vi”.

Os trocadores também convivem com bandidos e traficantes do vizinho Cerro Corá, que têm carona garantida nos ônibus devido ao poder imposto pelo medo. Mas esses são os que menos incomodam, uma vez que o bom comportamento faz parte do acordo silencioso que garante a boa convivência.

Além do bate-papo que acontece em pequenos grupinhos espalhados por ali, o ponto final também tem um local de encontro. O Dream My Lanches é o simpático barzinho do ponto, que conta com um televisor wide-screen de tela plana

e uma máquina de música que funciona a fichas, sempre à disposição do freguês. No pequeno espaço revestido por ladrilhos que se vê atrás do balcão é possível encontrar os mais diversos produtos, desde as tradicionais balinhas e os populares refrescos até canetas Bic, azeitonas em conserva e sais de frutas. A atendente do turno da manhã, Celiane de Sá, nem estranha mais quando alguém pede um “mendigão”. Esse é o apelido carinhoso do Guaraná Convenção, cujo preço fica bem abaixo da média dos outros refrigerantes. A bebida, em versão Sprite, vem servida num casco de vidro e não deixa nada a desejar diante de qualquer soda limonada.

O Dream My Lanches não é uma opção apenas para as refeições, sendo o único estabelecimento nas proximidades que funciona das 6 da manhã à meia-noite. É também onde os funcionários das linhas de ônibus utilizam o banheiro que, segundo Paulo Roberto, motorista do 497, é bem melhor que o da Penha, o outro ponto final de sua linha. Considerando que em média cada funcionário faz de três a quatro viagens por dia e que cada uma delas demora de uma a duas horas, é inevitável parar ali para um alívio durante o intervalo, de no máximo dez minutos.

Mesmo com esse pit-stop, às vezes acontece do motorista ou do trocador ouvir o chamado da natureza bem no meio de uma viagem. A solução é parar o ônibus e fazer todos os passageiros descerem para serem embarcados em outro carro da linha. Thiago Fernandes, trocador do 584 diz que em geral as pessoas não reclamam do contratempo, afinal uma situação de emergência como essas pode acontecer com qualquer um.

Realmente, essa compreensão é o mínimo que os passageiros podem dar em retribuição aos serviços de guia turístico, psicólogo e despertador que os cobradores desempenham todos os dias. “É muito comum acordar passageiro no ponto final, especialmente na primeira viagem do sábado, que pega a galera voltando da noite anterior. Alguns até avisam em que ponto querem descer e a gente chama, mas às vezes tem uns tão bêbados que vão direto. A gente só acorda quando chega no ponto final e o cara sai cambaleando pra pegar um outro ônibus pra casa. Isso sem falar daqueles que alugam a gente pra falar dos problemas com a sogra, a esposa, o chefe...” conta Thiago.

Fora acordar os festeiros do fim de semana, os trocadores e motoristas também acabam ficando responsáveis por ajudar turistas a chegarem ao seu destino, na maioria das vezes o Corcovado, no Cosme Velho. Até aí nenhuma dificuldade. O problema surge quando a pessoa não fala uma palavra de português. Os motoristas Thirso Pereira, do 584, e Valter Silva, 583, já tiveram que fazer muita mímica em serviço, pois, na pior das hipóteses, os braços abertos sempre garantem um mínimo de entendimento.

No entanto, nem todos os que circulam pelo ponto final são motoristas ou trocadores. Grande parte do movimento no local é de pessoas que trabalham nas imediações do bairro ou que estão de passagem pelos arredores. Sejam pessoas que trabalham, conversam ou fazem um lanchinho nas proximidades da subida para o Corcovado, o ponto final reúne grupos os mais diversos, que desembarcam vindos da Zona Norte, da Zona Sul ou dos países mais distantes - para logo seguirem viagem.



As idas e vindas dos ônibus no ponto final, carregados de passageiros e de muitas histórias para contar